

AOS PRESBÍTEROS

Enzo Bianchi
Prior de Bose¹

“O Filho não pode fazer nada por sua conta” (Jo 5,19 e 30); “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Este “nada” que os discípulos partilham com Jesus exprime ao mesmo tempo a força e a fraqueza do ministério apostólico.

Joseph card. Ratzinger

INTRODUÇÃO

Caros irmãos presbíteros na Igreja de Deus,

Ao longo dos últimos anos, em diversas circunstâncias alguns bispos da Igreja de Deus que está na Itália me pediram para oferecer uma reflexão sobre a vida espiritual do presbítero. Sou um simples monge, “um pobre leigo”, definição que Pacômio dava de si ao grande Atanásio patriarca de Alexandria, mas aceitei porque, sem tê-lo desejado ou escolhido, me vi com frequência ocupado na reflexão dos problemas que dizem respeito ao presbítero, além da pregação de exercícios espirituais aos presbíteros e no acompanhamento espiritual de muitos deles.

Vou procurar ser apenas um eco da Palavra de Deus e uma voz daquilo que escuto a muito tempo da vida eclesial e presbiteral, e irei partilhar convosco alguns pensamentos que, a partir da minha experiência, julgo úteis, senão até mesmo urgentes, para uma vida presbiteral vivida no Espírito Santo e na fidelidade ao evangelho.

Mas antes de desenvolver estas reflexões, penso que seja necessário fazer alguns esclarecimentos fundamentais, ou seja, esclarecimentos que se colocam como fundamento de todo o meu discurso. Vós presbíteros participais da missão de Jesus, o Filho do Pai, e por isso não deveríeis nunca esquecer as suas palavras: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Só podeis exercer o vosso ministério com Jesus, deixando a ele a plena e soberana iniciativa. Não bastam as vossas capacidades, nem os vossos esforços para serdes “enviados” (ἀπόστολοι) por Jesus, como ele foi enviado pelo Pai (cf. Jo 13,20): é absolutamente necessário que vivais com ele (cf. Mc 3,14), em plena comunhão com ele, e que procureis sempre trabalhar como enviados e pastores que participam da única missão do Filho. Vós não possuís nada de próprio para levar aos homens, vós não sois nada sem o Senhor que opera em vós e através de vós, não podeis fazer

¹ Tradução de Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior do original publicado por Edizioni Qiqajon, Magnano, 2004.

nada senão em obediência e comunhão com “o Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer” (Jo 5,19). Tendo bem presente esta exigência da vossa comunhão radical com o Senhor Jesus, passemos agora para algumas indicações de reflexão.

A “ESPIRITUALIDADE” PRESBITERAL

Estou profundamente convencido que a vossa “espiritualidade” consiste apenas na vida espiritual vivida naquilo que fazeis como *προεσβύτεροι*, como ministros da Igreja de Deus: uma só é a espiritualidade da Igreja, fundada sobre o batismo e nutrida pela Palavra de Deus e pelos santos sacramentos, mesmo se ela é vivida de forma diversificada, de acordo com a graça da situação na qual o Senhor desejou o seu servo.

Infelizmente ainda existem tentativas de propor uma “espiritualidade” presbiteral que poderíamos chamar de “espiritualidade do genitivo”, ou seja, fundada sobre a declinação de cada um dos aspectos da vida do presbítero: “espiritualidade eucarística”, “espiritualidade diocesana”, “espiritualidade da caridade pastoral”... Ao contrário, a autêntica espiritualidade do presbítero só pode ser alimentada e vivida através da realização do seu ministério. Em outras palavras, é no exercício do seu ministério que os presbíteros crescem na fé e aprofundam a sua vida espiritual: preparando-se para anunciar a Palavra e, de fato, proclamando-a, eles também nutrem a si mesmos; celebrando a Eucaristia entram mais profundamente no mistério pascal; como ministros da reconciliação impregnam a própria vida de misericórdia; procurando anunciar o evangelho, hoje e aos outros, eles mesmos o compreendem de forma melhor; no confronto e no diálogo com os não cristãos medem o dom da própria fé; escutando os irmãos e as irmãs, e carregando as suas feridas, mostram o rosto do “bom pastor que dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11).

Aqui se insere também a questão da assim chamada “presidência” presbiteral. É necessário que vós presbíteros tenhais a clara consciência de serdes cristãos que foram chamados pelo Senhor e colocados pelo Espírito Santo para presidir a comunidade, ou seja, presidir o anúncio da Palavra, a liturgia eucarística e o cuidado pastoral. A forma deste ministério de “presidência” é simples e não exige comportamentos especiais e ou estratégias particulares. Ele se expressa sobretudo na *solidez* e no *discernimento*: solidez na fé (e portanto exercício pessoal do *sensus fidei*) para poder confirmar os irmãos e discernimento realizado com autoridade, com *ἐξουσία*, para edificar a comunidade como corpo do Senhor.

Se quem preside completa e plasma estes carismas com o dom da misericórdia, exercitada para com a comunidade que lhe foi confiada (e o

Senhor não priva jamais deste dom os que o pedem com sinceridade!), então aparece na Igreja o ícone do “pastor belo e bom” (ὁ ποιμὴν ὁ καλός: *Jo* 10,11): o que dá a vida pelos irmãos (cf. *Jo* 10,11), que conhece os cristãos do seu rebanho (cf. *Jo* 10,14), que caminha na frente da comunidade peregrinante (cf. *Jo* 10,3-4) e lhe fornece no tempo devido o alimento necessário (cf. *Lc* 12,42). Pastor da comunidade, servo da comunhão, o presbítero é um cristão e um discípulo junto com os seus irmãos, mas ao mesmo tempo tem a tarefa de guiá-los; ele mesmo, por outro lado, é guiado pelo Espírito Santo ao qual se abandona através de uma escuta e uma obediência fiéis, para que esteja à altura de conduzir o rebanho de Deus no meio do qual o Espírito o colocou para presidir (cf. *At* 20,28).

Finalmente, é necessário recordar que a eficácia do vosso ministério é condicionada pela autenticidade e pela fidelidade com que o viveis: uma maior ou menor fidelidade ao evangelho no exercício do vosso ministério tem uma clara influência sobre a evangelização, sobre a presidência da comunidade, sobre a celebração dos sacramentos (*PO* 12; *PDV* 25). E vice-versa, o que fazeis como presbíteros é parte integrante de vossa vida espiritual e é determinante para a vossa santificação: vivendo plenamente o vosso ministério vós vos realizais plenamente como homens espirituais e por conseqüência vos santificais, ou melhor, acolheis as energias de santidade que Deus doa a quem aceita.

E quando apoiáis ou acompanhais agremiações particulares e movimentos não vos esqueçais que, se é verdade que seja possível receber estímulos das experiências espirituais próprias de um grupo, não podeis, porém, deixar-vos “capturar” por alguma delas nem correr o risco de “privatizar” o vosso ministério: fostes revestidos do ministério presbiteral tendo como referência a Igreja toda inteira, e é este ministério que deve plasmar a vossa vida e forjar a vossa santidade. Seria terrível se uma espiritualidade particular configurasse a vida espiritual do presbítero mais do que o exercício do seu ministério: disto brotariam uma grave desarmonia e uma falta de unidade no nível pessoal!

A RELAÇÃO COM O TEMPO

A tradição espiritual sempre insistiu na relação entre o cristão e o tempo, mas talvez hoje seja necessário afirmar com mais força ainda que a vida autenticamente cristã não pode prescindir da relação com o tempo. De fato, hoje, vivemos numa época marcada pela aceleração, precipitação e automatização do tempo, de tal forma que a patologia do viver o tempo se fez mais evidente e grave. O tempo é o inimigo contra o qual se luta ou o fantasma que se persegue, o tempo foge de nós, nós perdemos tempo, não

temos tempo, somos devorados pelo tempo: o tempo torna-se assim o ídolo com o qual habitualmente e cotidianamente nos alienamos.

Mas, para nós cristãos, o tempo é o âmbito dentro do qual está em jogo a nossa fidelidade ao Senhor: ou sabemos viver o tempo, ordená-lo, sentindo-o como dom e compromisso, ou o idolatramos. É no correr do tempo que devemos reconhecer o hoje de Deus (cf. *Lc* 19,9; *Hb* 3,7-4,11); é “aproveitando o tempo” (*Ef* 5,16) que podemos subtraí-lo do vazio e do sem sentido; é ordenando o tempo que podemos tender para a oração incessante que nos foi pedida por Jesus e pelo Apóstolo (cf. *Lc* 18,1; *Ef* 6,18; *ITes* 5,17).

Por isso, o presbítero deve “santificar o tempo”, ou seja, disciplinar, reservar, separar de forma inteligente o tempo para aquilo que ele é e para aquilo que ele é chamado a fazer. Há prioridades que devem ser estabelecidas, há um tempo que deve ser considerado central no próprio dia e ao qual não se pode renunciar: um tempo para a ação por excelência que edifica a comunidade, ou seja, a santa liturgia, um tempo para guiar a comunidade do Senhor nas diversas formas necessárias, um tempo para repousar. Sem uma disciplina do tempo, que é uma verdadeira “santificação do tempo”, não há possibilidade de vida espiritual cristã. De fato, muitos permanecem na espiritualidade sempre diletantes, não perseverantes, contraditórios, incapazes de um crescimento robusto justamente por causa de seu relacionamento alienado com o tempo. Comporta-se como “insensato”, diz o Apóstolo, quem não sabe ordenar e viver o tempo (cf. *Ef* 5,15-16). Quando o tempo aparece sem *adventus*, um *aeternum continuum* sem novidades essenciais, tempo que simplesmente se deixa passar, sem vivê-lo de forma consciente e na consciência da vinda do Senhor, então não há nem memória, nem espera, nem capacidade de escutar hoje a Palavra do Senhor.

Sendo assim, o tempo não dever ser nem idolatrado nem esvaziado, deve ser, ao contrário, organizado e vivido com consciência e vigilância, a serviço do homem e do seu bem. Infelizmente uma má educação na ascese do tempo, sofrida principalmente pelas novas gerações, induz a uma vida desordenada na qual não se percebe nenhuma ordem de importância objetiva e de urgência para as diversas atividades e os vários compromissos que devem ser realizados. Desta forma não se consegue nem sequer enxergar mais a prioridade do ministério, e todas as atividades são consumidas em um vórtice que frustra a vida humana e torna impotente a vida interior. Sabe vigiar sobre si mesmo quem se possui e exerce o domínio sobre si mesmo, e exerce este domínio sobre si que sobretudo sabe dominar o tempo.

Gostaria de recordar aqui a autêntica tradição espiritual que sempre indicou a primeira hora do dia como particularmente propícia para a oração

e a assiduidade com as Santas Escrituras. Isso também é recordado em um belo texto de Dietrich Bonhöffer:

Quando se consegue dar uma unidade ao próprio dia, ele adquire ordem e disciplina. É na oração da manhã que se deve buscar e encontrar esta unidade, e assim poderá ser conservada no trabalho. A oração da manhã decide o dia. O tempo desperdiçado, as tentações às quais sucumbimos, a preguiça e a falta de coragem no trabalho, a desordem e a indisciplina dos nossos pensamentos e das nossas relações com os outros, têm muitas vezes a sua origem no fato de ser negligente na oração da manhã².

De fato, é necessário constatar com realismo que, se não se ora ao nascer do sol, as urgências e a multiplicidade das ações às quais somos chamados durante o dia correm o risco de eliminar *tout court* a possibilidade de orar. Além disso, durante o dia somos submetidos à humaníssima exigência de repousar, de se beneficiar do bálsamo do silêncio e da solidão.

Só dosando com inteligência a oração, o trabalho e o repouso pode-se viver bem o ministério a serviço da comunidade cristã. Por isso, cada um de vós tenha a coragem de dar a si mesmo uma regra de vida não meramente formal, não legalista, mas rica de sabedoria e capaz de realismo: um rastro que, no discernimento dos tempos, vos auxilie a viver harmoniosamente as exigências do ministério, exigências humanas e exigências sabáticas.

A RELAÇÃO COM A PALAVRA

Nas décadas após o concílio Vaticano II, foi colocada em grande relevo a relação especial entre a Palavra de Deus e o ministério episcopal e presbiteral, e certamente hoje o vosso ministério aparece antes de tudo com *ministério da Palavra* (διακονία τοῦ λόγου: *At* 6,4), serviço da Palavra evangelizadora para a comunidade cristã e a todos os que perguntam pela esperança que habita em vós (cf. *Pd* 3,15). Hoje vós tendes clara esta consciência de ser ministros da Palavra (ὑπηρέται τοῦ λόγου: *Lc* 1,2), mas para ser tais ministros é necessário ser ouvintes assíduos da Palavra, curvados pela Palavra, habitados pela Palavra (cf. *Mc* 4,20; *Jo* 5,38; etc.). Na comunidade do Senhor, todos, até mesmo os mestres (διδάσκαλοι: *At* 13,1; *1Cor* 12,28; *Ef* 4,11), permanecem sempre discípulos do único e verdadeiro Mestre, Jesus Cristo (cf. *Mt* 23,8.10), e os que são encarregados de anunciar a Palavra permanecem sempre a serviço da Palavra (cf. *At* 6,4). De tal forma que, mesmo quando o presbítero prega, a Palavra que ele anuncia ressoa para ele como a um discípulo, de tal forma que renova a sua fé e confirma a sua adesão ao Senhor.

² D. BONHÖFFER, *Pregare i salmi con Cristo*, Queriniana, Brescia, 1969, p. 114.

Abraham J. Heschel soube exprimir a ligação entre Palavra e pregador da própria Palavra em termos que, embora não sejam comuns no ambiente cristão, se apresentam como extremamente verdadeiros e densos de significado. Ele afirma que o pregador não deve simplesmente viver da assiduidade com a Palavra, e como conseqüência orar antes de anunciá-la, mas deve também pregar de tal forma que suscite a oração:

Pregar para que as pessoas orem. Pregar de um modo que inspire a oração de quem está na sua frente. Uma verdadeira homilia se apresenta de tal forma que ela mesma possa se transformar em oração³.

Sim, a homilia é diaconia ao evangelho, mas também é fonte de vida espiritual do presbítero: se isso não acontecer, é necessário que se pergunte se não existe uma grave contradição acontecendo na vida do presbítero, na sua vida de fé ou na sua conduta moral. Não se esqueça por outro lado que a Palavra de Deus pronunciada sem obediência, sem fé, ou sem consciência, não pode fazer outra coisa senão endurecer o coração e fazer com que fique doente de σκληροκαρδία (cf. *Mc* 10,5) o próprio pregador: *de ore tuo te iudico* (*Lc* 19,22)!

Há uma expressão do discurso de Paulo aos bispos-presbíteros de Éfeso que representa uma orientação de vida fundamental para vós. Paulo, saudando estes seus colaboradores no ministério, diz: “Entrego-vos a Deus e à Palavra da sua graça” (παρατίθεμαι ὑμᾶς τῷ θεῷ καὶ τῷ λόγῳ τῆς χάριτος αὐτοῦ: *At* 20,32). No seu testamento apostólico, Paulo não confia a Palavra aos ministros, mas confia os ministros à Palavra! Os destinatários do testamento do Apóstolo têm a missão de pregar, de difundir, de manter viva a Palavra em meio ao rebanho, de confiá-la à Igreja, mas – coisa surpreendente – aqui Paulo confia os ministros à Palavra. Antes que a Palavra lhes seja confiada, são eles mesmos confiados à Palavra; antes de serem portadores, de levarem a Palavra, eles mesmos são levados pela Palavra de Deus! Sim, a Palavra é potente e eficaz, tem uma energia porque é uma realidade viva e operante (cf. *Hb* 4,12), tem o poder de salvar a vida (cf. *Tg* 1,21), de edificar e de conceder a herança com todos os santos (cf. *At* 20,32), de comunicar a sabedoria que leva à salvação (cf. *2Tim* 3,15-17) e, como evangelho, é potência de Deus (cf. *Rm* 1,16).

Caríssimos, não vos esqueçais nunca: vós somente levareis a Palavra aos outros se fordes *levados pela Palavra*. Mas o que significa esta expressão forte e paradoxal: “confiados à Palavra”? Significa que vós colocais a vossa fé na Palavra de Deus e não em vós mesmos ou em outras realidades; que todas as manhãs, como autênticos servos do Senhor, tornais o vosso ouvido atento para escutar como discípulos a Palavra (cf. *Is* 50,4); que todas as manhãs permitis que o Senhor abra os vossos ouvidos sem voltar atrás (cf. *Is* 50,5); que fazeis de tudo em vossas vidas, no decurso do

³ A. J. HESCHEL, *O homem em busca de Deus*, Qiqajon, Bose 1995, p. 136.

tempo, do dia, para que a Palavra habite em vós (cf. *Jo* 15,7), seja implantada em vós (cf. *Tg* 1,21). Vós deveríeis poder dizer como Jesus: “Eu observo a Palavra de Deus” (cf. *Jo* 8,55).

Não é preciso muita coisa para compreender o quanto seja fácil cair na tentação de não adequar a nossa escuta, a nossa acolhida, a nossa busca da Palavra, o nosso amor pela Palavra de Deus à nossa pregação, ao nosso anúncio da Palavra aos outros. Seja-me perdoado: o risco não é apenas o de improvisação ou de pouca preparação com relação ao ato de evangelização, mas é muito mais radical! E é o de transmitir uma palavra impotente, uma palavra sem energia diante da força do demônio que se opõe à pregação, uma palavra que não chegue até o coração do fiel, mas que na realidade se esvazia rapidamente (cf. *Mc* 4,3-4.15). Ser confiados à Palavra não é um augúrio, mas um compromisso de assiduidade com a Palavra, uma assiduidade feita de escuta da Palavra na leitura das Escrituras que a contêm, feita de meditação e de experiência vivida diariamente, feita de oração que permita ao pregador assumir e *fazer próprio o pensamento de Cristo* (νοῦν Χριστοῦ ἔχομεν: *1Cor* 2,16). Somente assim a palavra anunciada pelo presbítero, como eco fiel da Palavra de Deus, realiza sua corrida e se difunde (cf. *2Tes* 3,1), até ser acolhida, não como palavra humana, mas como Palavra de Deus cheia de energia espiritual e eficaz na vida dos crentes (cf. *1Tes* 2,13).

A este propósito creio que seja oportuno recordar um texto do cardeal Joseph Ratzinger dirigido ao conselho das Conferências episcopais européias. Ratzinger se interroga sobre como hoje, nesta nova situação eclesial que presenciou a promoção de muitas competências, do saber especializado e da nova presença qualificada dos leigos na Igreja, seja possível ao bispo, e conseqüentemente ao presbítero, presidir com ἐξουσία a Igreja. Segundo os evangelhos, a palavra de Jesus era ouvida como palavra cheia de ἐξουσία, de autoridade, não como a palavra dos escribas (cf. *Mt* 7,29; *Mc* 1,22). Então, como ter ἐξουσία ao presidir a Igreja? Ratzinger responde assim:

Não é necessário que o bispo [se entenda também o presbítero] seja um especialista em teologia, mas deve ser um mestre de fé. Isso supõe que ele seja capaz de ver a diferença entre fé e reflexão sobre a fé: em outras palavras, deve possuir o *sensus fidei*... Em resumo, poder-se-ia dizer que o discernimento entre dado de fé e reflexão sobre a fé é a tarefa do bispo. Mas como se pode obter este dom do discernimento? A condição fundamental para a capacidade de discernimento consiste no sentido da fé, que se torna olho; o sentido da fé se nutre da práxis da fé, o ato fundamental da fé é a relação pessoal com Deus: “com Cristo, no Espírito Santo, ao Pai”... Quais são as formas mais importantes desta relação pessoal realizada com Deus? O modo fundamental de uma relação pessoal é o colóquio, o diálogo. Porém, seria insuficiente se disséssemos que o colóquio com Deus se chama oração, porque o diálogo exige reciprocidade: não somente a nossa palavra, mas também a nossa escuta. Sem escuta o diálogo se

reduz a um monólogo. Eis porque nós escutamos a voz de Deus escutando a Palavra que nos foi entregue na sagrada Escritura. De fato, estou convencido que a *lectio divina* é o elemento fundamental na formação do sentido da fé e por consequência o compromisso mais importante para um bispo mestre da fé... A *lectio divina* é a escuta de Deus que nos fala, que me fala. Por isso, este ato de escuta exige uma verdadeira atenção do coração, uma disponibilidade não somente intelectual, mas integral, de todo o homem. A *lectio divina* deve ser cotidiana, deve ser o nosso alimento cotidiano, porque só assim podemos aprender quem é Deus, quem somos nós, o que significa a nossa vida neste mundo⁴.

João Paulo II, mais de uma vez, usou palavras iluminadoras sobre a relação entre ministério e Palavra de Deus. Na *Pastores dabo vobis* se lê:

O sacerdote deve ser o primeiro "crente" na Palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas d'Aquele que o enviou. Desta Palavra, ele não é dono: é servo. Desta Palavra, ele não é o único possuidor: é devedor relativamente ao Povo de Deus. Precisamente porque evangeliza e para que possa evangelizar, o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado... Elemento essencial da formação espiritual é a *leitura meditada e orante da Palavra de Deus (lectio divina)*, é a escuta humilde e cheia de amor d'Aquele que fala⁵.

Mais recentemente o mesmo João Paulo II, com grande audácia, exortou todos os cristãos a praticarem a *lectio divina*, convite que com muito mais razão se dirige a vós presbíteros:

É necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital, segundo a antiga e sempre válida tradição da *lectio divina*: esta permite ler o texto bíblico como palavra viva que interpela, orienta, plasma a existência⁶.

O evangelho é a vossa força, é o evangelho a fonte do vosso presidir às assembléias do Senhor, é o evangelho que confere ἐξουσία à vossa pregação! Sem a Palavra de Deus vós nada sois na Igreja, sem a Palavra de Deus vós nada tendes a dizer à Igreja, sem a Palavra de Deus todo o vosso esforço não adiantaria de nada! Jesus disse: “Sem mim, nada podeis fazer!” (Jo 15,5), mas Ele é antes de tudo o Verbo, a Palavra do Pai à humanidade. Do vosso relacionamento com a Palavra de Deus depende toda a vossa vida espiritual, a vossa identidade, a eficácia do vosso ministério. Em resumo: se o vosso ministério da Palavra – nas diversas formas da escuta pessoal, do anúncio na liturgia, da catequese – for humilde, obediente e perseverante, ele edificará a comunidade do Senhor e, ao mesmo tempo, será para vós confirmação na fé e fonte de santificação.

A ORAÇÃO DO PRESBÍTERO

⁴ J. RATZINGER, in *Consilium Conferentiarum Episcopaliū Europæ*, Roma 2001 (texto possuído pelo autor).

⁵ João Paulo II, Exortação apostólica (1992), *Pastores dabo vobis* 26.47.

⁶ João Paulo II, Carta apostólica (2001), *Novo millennio ineunte* 39.

O presbítero vive da Palavra que sai da boca de Deus (cf. *Mt* 4,4; *Dt* 8,3), se faz servo desta Palavra (cf. *At* 6,4) e se torna seu anunciador no meio da comunidade do Senhor; tudo isso, porém, só é possível e fecundo se o presbítero é um homem de oração. Ninguém nega que a oração seja importante e essencial na vida do presbítero, no entanto na prática se deve constatar – e são os próprios presbíteros que o confessam pessoalmente – que muitas vezes a oração não é prioridade na vida presbiteral e que nem sempre ela é feita na sua forma autenticamente cristã.

O presbítero, já observamos, estando absorvido por múltiplas atividades e serviços, corre o risco de não reservar à oração o tempo devido, de não vivê-la como fonte do seu sentir e do seu agir. Pelo contrário, às vezes é tentado a utilizá-la de forma funcional, de transformá-la em algo que serve imediatamente ao seu agir: medita em vista da homilia ou de uma conferência, pesquisa na Escritura e nos Padres para aumentar a própria bagagem intelectual que deve ser comunicada no próximo encontro, ora pensando nos projetos pastorais, sem porém colocar estes projetos diante de Deus para fazer um discernimento em obediência a ele...

É verdade que os presbíteros hoje oram pouco, mas tendo tido com frequência a oportunidade de escutá-los penso que sobretudo eles oram mal, sem reconhecer ou viver o estatuto da oração cristã. E o estatuto da oração cristã requer que antes de falar com Deus, antes de “pensar” Deus ou de desenvolver pensamentos sobre Deus e os seus mistérios, a pessoa que deseja orar deve se esforçar em escutar Deus! É a *escuta* a forma essencial e fundamental da oração cristã, e isto vale sobretudo para o presbítero, porque o que ele pode anunciar e testemunhar depende daquilo que escuta. Quem é chamado a presidir a comunidade do Senhor deve antes de tudo pedir a Deus um “coração que escuta”, um *lev shomea'* – (*IRs* 3,9), e como “sentinela” do povo de Deus deve estar sempre à escuta da Palavra proveniente da boca do Senhor, para comunicá-la à sua comunidade (cf. *Ez* 3,16-21). O exercício da escuta de Deus, é claro, na sua Palavra santa, mas não somente, também na profundidade do coração do homem, onde o Pai habita, Cristo fala e o Espírito ora.

Por isso, o ato de escutar é o primeiro exercício da oração cristã; se, ao contrário, a oração é feita apenas falando com Deus, termina-se por viver a oração com um sentimento de frustração e se chega a acusar o próprio Deus de fazer silêncio conosco, quando ao contrário dever-se-ia admitir que somos nós os surdos, somos nós quem não escutamos! Porque muitos, quando confessam estar em crise e de ter graves dificuldades na oração, se precipitam dizendo: “Porque Deus faz silêncio comigo? Porque não me diz nada?”, e não se perguntam ao contrário se não seriam eles a estar surdos? Se o presbítero é um homem assíduo na escuta de Deus, se é verdadeiramente o servo do Senhor que escuta como discípulo iniciado (cf.

Is 50,4), então também será capaz de escutar o irmão, de escutar o “mundo”. Muitas vezes as pessoas reclamam do fato que os presbíteros não têm mais tempo de escutar; pois bem, por traz desta lamúria nem sempre justa e pertinente se esconde porém também um apelo, uma necessidade que não pode deixar de nos interrogar. Sim, no fundo, quem tem um coração que escuta a Deus, também possui um coração para a escuta dos homens!

Além disso, a escuta é essencial para a realização do *discernimento*, o ato que na oração deveria unir a vontade de Deus – manifestada no coração pelo Espírito Santo – com o nosso pensamento. O termo que em hebraico define a oração, *tefillah* – , significa literalmente “juízo”: a oração é a possibilidade de julgar com Deus, de realizar um discernimento sobre a própria vida, sobre a relação com os outros, sobre o próprio relacionamento com as criaturas. É assim que se ordena e se aprofunda a própria interioridade, que se mede o próprio caminho humano, o próprio amadurecimento como crescimento interior adequado à própria idade e à própria situação... Quem é chamado a presidir a Igreja de Deus, a edificá-la com o seu serviço apostólico, a organizá-la e a governá-la, deve ter entre os carismas necessário para o seu ministério sobretudo o discernimento. Capacidade que deve ser invocada e pedida a Deus, e que, ao mesmo tempo, deve ser afinada e exercitada sempre e de novo através da escuta. Nunca será demais recomendá-lo!

Ao lado desta escuta que faz do orante uma sentinela está a escuta dos irmãos, como se disse um pouco atrás, a escuta dos homens que deve, por sua vez, inspirar a oração, deve fazer chegar até Deus “súplicas, orações, intercessões, ação de graças por todas as pessoas” (1Tim 2,1). É da escuta dos homens que nasce a oração como *intercessão*. De fato, interceder significa “dar um passo entre”, ou seja, indica um comprometimento ativo, uma ação para colocar em comunicação Deus e os homens, sobretudo aqueles que não sabem que estão nesta comunicação ou não querem estar: é assim que o presbítero se torna ministro da compaixão! Na intercessão o presbítero exercita mais do que nunca o seu ministério de pastor: “pois ele vela [sobre a comunidade] como quem há de prestar contas” (Heb 13,17) e, consciente de tal responsabilidade, ele deve apresentar a Deus as ovelhas que conhece e sabe chamar pelo nome (cf. Jo 10,2-4), e as multidões pelas quais sente compaixão (cf. Mc 6,34; 8,2). Esta é uma tarefa grave, mas que o pastor sabe que deve realizar para que, de forma autêntica e radical, possa assumir a responsabilidade por aqueles que lhe foram confiados.

Seja-me permitido aqui recordar o que eu, que por minha vez sou pastor de uma comunidade, sinto como um dever absoluto todas as noites antes de me deitar: recordar diante de Deus os irmãos e as irmãs que foram confiados à minha condução pelo Senhor, para invocar sobre eles “graça

sobre graça” (*Jo* 1,16) e a misericórdia da qual necessitam, mas também para abrir o meu coração às suas necessidades e examinar diante de Deus o meu serviço para com eles, a minha relação com eles. A intercessão do presbítero em favor dos que lhe foram confiados e por todos os homens é na verdade um cadinho de comunhão, um lugar de purificação das relações, um instrumento para assumir as responsabilidades pastorais, uma ocasião de luta contra o cinismo que ameaça, sobretudo com o passar dos anos, o “cuidado pastoral” do próprio presbítero. À imagem de Cristo intercessor diante do Pai (cf. *Heb* 7,25), o pastor da comunidade do Senhor deve invocar de Deus misericórdia; e se na pregação se coloca do lado de Deus para anunciar à Igreja a sua vontade muitas vezes exigente diante da não escuta de um “povo de dura cerviz” (cf. *Ex* 32,9; 33,3; etc.), de uma “raça de rebeldes” (cf. *Ex* 2,5-8; 3,9; etc.), na intercessão deve se colocar do lado do povo para recordar a Deus o seu amor fiel, a sua compaixão que nunca se extingue!

Colocado entre esta escuta e esta intercessão, o presbítero não esquecerá por outro lado a adoração, o louvor, a ação de graças, cujo cume está, sem dúvida, na liturgia eucarística. A adoração é um ato extremamente elementar e simples, mas talvez o mais esquecido dentro da oração. Ela consiste no estar diante de Deus, em oferecer-lhe a própria presença, o próprio ser corpo e espírito, e fazer isto com simplicidade e gratuidade até poder dizer ao Senhor: “Eu estou diante de ti, tu és o Senhor vivente e presente”. Desta consciência se vê brotar o louvor e a ação de graças, o canto do *Magnificat* que deve ser entoado não apenas todas as tardes nas vésperas, mas que deve ser elevado mais vezes durante o dia, quase como um *cantus firmus* que testemunha a nossa abertura à comunhão com o Senhor. Tal comunhão deve ser constantemente renovada através da oração, que é verdadeiramente cristã quando se torna uma *memoria Dei*, uma consciência da presença de Deus na nossa vida. Quando o presbítero, mesmo com timidez chega a pensar: “Cristo e eu vivemos juntos” (cf. *Gal* 2,20), então esta oração contínua começa a habitá-lo...

É verdade, a oração é uma obra difícil e cansativa, uma tarefa que nunca chega a termo, um esforço que deve ser renovado até a hora da própria morte, uma arte que deve ser sempre aprendida. Mesmo antes da morte dever-se-á pedir ao Senhor que nos ensine a orar (cf. *Lc* 11,1). Mas, se a nossa tentativa de orar for perseverante e cotidiana, a oração realizará muito mais do que o que vemos e percebemos... Se para cada cristão a oração é eloquência da fé, isto vale certamente também para o presbítero, mas com uma particularidade: para ele a oração é eloquência de seu ministério!

A RELAÇÃO COM A LITURGIA

Sei que toco num relacionamento delicado e também sei que talvez, hoje, ainda não tenha chegado o tempo para propor mais uma vez a liturgia como centro da vida do presbítero. Mas sinto, com freqüência, uma separação que atualmente se solidificou entre ministério e liturgia. Antes da grande mudança eclesial acontecida nos anos 60 e 70, o presbítero aparecia sobretudo como o liturgo, mas com o passar do tempo se estendeu sempre mais a sua atividade pastoral e se reduziram o esforço e a atenção pela liturgia.

No entanto, o concílio Vaticano II afirmou com toda clareza que “toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau” (SC 7)! Sim, “a liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força” (SC 10), e justamente por isso deve ser central na vida eclesial e, por conseqüência, na vida do presbítero: é na liturgia que ele é e se mostra no grau máximo como ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus (cf. *1Cor* 4,1), ministro da nova aliança (cf. *2Cor* 3,6). Cada ação litúrgica realizada pelo presbítero é sempre realizada *in nomine Christi et in nomine ecclesiae*, e tal afirmação de per si basta para revelar a grandeza e a necessidade da liturgia, mas também a enorme responsabilidade que nela compete ao presbítero.

Se esta é a consciência da grande tradição da Igreja, é inegável que hoje se nota o prevalecer do funcionalismo e a diminuição da sacramentalidade presbiteral, nutrida sobretudo pela liturgia: cada vez menos a liturgia é preparada, com freqüência é celebrada com pressa, não recebe mais a atenção e o cuidado que conheceu na época da reforma litúrgica. Infelizmente, a tendência dominante hoje é a de separar a liturgia da vida. E inevitavelmente esta desafeição, este descentramento da liturgia da vida do presbítero termina caindo sobre a comunidade cristã: aumentam cada vez mais os cristãos que se confessam cristãos sem porém se sentirem vinculados por uma assembléia litúrgica ao menos no dia do Senhor, também é esta a razão.

Além disso, deve-se perguntar se vós mesmos presbíteros viveis outras formas de liturgia com as vossas comunidades, excetuada a celebração eucarística e alguma, cada vez mais rara, devoção. No entanto a liturgia, ação e celebração da graça está na fonte e cume de vosso ministério. É através da liturgia que vós sois colocados no lugar da evangelização e sois devidamente habilitados para ela, é através da liturgia que renovais a vida da comunidade cristã edificando-a e fazendo-a crescer na graça e na santidade. Por isso na vida do presbítero a liturgia deve ter o lugar absolutamente central: ele se prepara para a liturgia com a Palavra escutada na *lectio divina*, mas também se dispendo a evangelizar a Palavra

escutada na sua comunidade; além disso, se prepara para a liturgia buscando compreender a eucologia que o missal oferece, e para ela se prepara como para a ação por excelência de toda a comunidade cristã presidida por ele.

Aqui se deve perguntar: há conhecimento, há compreensão das novas orações eucarísticas dadas à comunidade pela reforma litúrgica? Há um esforço para fazer com que a *lex orandi* seja a *lex credendi* para os fiéis? Há uma capacidade mistagógica que levaria os fiéis a uma verdadeira participação e a um verdadeiro conhecimento da liturgia? É questão de centralidade: e se esta centralidade litúrgica não é real na vida do presbítero, então todo o seu ministério irá sentir as conseqüências e se esvaziará. Só quando é celebrada com fé autêntica e renovada, a liturgia transforma a vida, celebra a vida e dá forma, plasma a própria vida do presbítero, que justamente na presidência eucarística encontra o fundamento para o ministério de presidência da comunidade. O presbítero é desde a Eucaristia e para a Eucaristia: nela o Espírito santifica a Igreja, mas também santifica o presbítero. Não esqueçais que, mesmo quando celebrais a mais humilde das eucaristias, talvez em vilarejos distantes ou em situações urbanas de poucas pessoas, muitas vezes idosas, se celebrais com a devida tensão e com sinceridade e com convicção, partilhando o pão da Palavra e participando do único pão eucarístico, vós edificais a Igreja e participais da obra do Pastor dos pastores, Jesus Cristo!

Insisto: vós não deveis permitir que a vossa sacramentalidade se reduza a uma funcionalidade. Esta é a época do progresso da racionalização, do *recul du sens* (Paul Ricoeur), e nem mesmo vós sois eximidos desta tentação, mas o funcionalismo não passa de uma nova forma de clericalismo. Caríssimos, a λειτουργία, ação e celebração sacramental da graça, seja verdadeiramente o coração do vosso ministério. Vós, anunciadores, deveis sempre compreender a vossa missão como relativa às outras duas missões que precedem a vossa: a missão do Filho e a missão do Espírito, e, por isso, é através da oração e da liturgia celebrada que vós realizais a vossa missão dia após dia. É na liturgia que vós acolheis as palavras para vós e as palavras para a pregação, é na liturgia que pedis o Espírito Santo e para aqueles na direção dos quais caminhais, é na liturgia que reconheceis a obra realizada do Espírito Santo em vós e nas vossas comunidades.

O ESTILO APOSTÓLICO DO PRESBÍTERO

A partir da leitura da *Presbyterorum ordinis* emerge uma figura muito precisa do presbítero, caracterizada, em particular, por um estilo de vida que poderíamos definir como “estilo de vida apostólico”. É justamente por causa deste estilo de vida que a igreja latina pede ao presbítero que viva

o celibato, mas também a pobreza e a obediência, e estas duas últimas numa forma própria de quem possui uma vida apostólica, diferente da dos religiosos.

O *celibato*, bem sabemos, não está intrinsecamente ligado ao ministério, mas encontra sua justificação dentro do estilo de vida apostólica. Os que Jesus enviou de dois em dois (cf. *Mc* 6,7) depois de tê-los constituído apóstolos – “para que estivessem com ele e para enviá-los” – viviam uma condição não conjugada, não tinham mulher e família consigo, ao contrário, tinham-na abandonada (cf. *Mc* 10,28-31) para viver plenamente o seguimento apostólico. O presbítero celibatário não apenas coloca a serviço da comunidade a liberdade e a disponibilidade próprias de quem não está casado, mas em sua vida de celibatário mostra que o “evento Jesus Cristo” mudou as relações entre os homens e que, em vista do Reino, pode-se também viver o celibato que narra a sua espera! Sim, o celibato vivido por causa da doação feita a Deus que implica toda a própria vida pode constituir um convite a re-centrar no próprio Deus o conjunto das relações humanas, assim como o matrimônio recorda que não existe amor de Deus sem amor do outro.

É verdade que o celibato está intimamente ligado à obediência e à partilha cristã (o verdadeiro nome da pobreza!), e é por isso que são necessárias algumas condições concretas para vivê-lo bem: a alguns é concedido vive-lo na solidão, a outros em formas comunitárias presbiterais, na amizade... Mas não sejamos ingênuos a este respeito: o celibato é certamente um dom de Deus, mas para que seja bem vivido ele também depende dos dons, das forças e da fraqueza de cada um; por isso não devem ser desvalorizados os meios que servem de grande ajuda para a qualidade do celibato, como a vida comum, uma vida não somente boa, mas bela, humanamente bela! E não se esqueça que o celibato deve ser sempre vivido sob o sinal da misericórdia de Deus. A aventura do celibato é extraordinária, autêntico dom de Deus, mas também é um caminho humano no qual experimentamos a nossa fraqueza e às vezes também a nossa miséria: a castidade em sua plenitude está sempre à nossa frente como uma meta para a qual devemos tender, e em sua direção se avança adquirindo a humildade e crescendo no amor por Cristo com um coração indiviso, no amor gratuito pelos irmãos e irmãs!

Quanto à *pobreza* do presbítero, outro elemento que caracteriza o ministério apostólico, ela deve ser vivida na sociedade atual através de um estilo de vida sóbrio e uma constante tensão na direção da partilha, a *κοινωνία*. É necessário não buscar o dinheiro ou o acúmulo dos bens (cf. *At* 20,33) mas, ao contrário, partilhar o que se possui e se administra com os pobres, os fracos, mostrando sempre a gratuidade no ministério a serviço da comunidade cristã. Não penso que haja muito o que insistir sobre este tema: trata-se, para vós presbíteros, de ser ministros de uma Igreja não apenas

para os pobres, mas também Igreja *de* pobres, e com esta finalidade possuir um estilo de vida que tenha como referência a forma pedida por Jesus aos seus apóstolos enviados a anunciar o Reino (cf. *Mc* 6,7-13 e par.; *Lc* 10,1-16). É verdade, “o trabalhador tem direito a seu salário” (*Lc* 10,7), mas este salário é determinado por uma medida sempre caracterizada pela sobriedade, pela simplicidade, sempre capaz de partilha.

Certamente uma vida comunitária de presbíteros pode ser um instrumento eficaz para viver tal pobreza, assim como para viver a *obediência*: esta última, nunca é demais repetir, na Igreja é antes de tudo obediência a Deus e obediência recíproca! É evidente que no espaço da submissão recíproca se põe também a obediência ao bispo, ocasião de viver evangelicamente o ministério apostólico. Mas é útil ressaltar que a obediência deve ser vivida sobretudo cotidianamente, como submissão fraterna na qual se carrega o peso uns dos outros e se suporta uns aos outros, colocando-se a serviço dos irmãos gratuitamente, sem esperar reciprocidade: não há amor cristão sem partilha, lógica de comunhão em tudo, e sem mútua submissão! Somente assim, de fato, aprendemos a nos submeter à vontade de Deus e a assumir os sentimentos vividos por Jesus, aquele que “de rico que era se fez pobre por causa de nós” (cf. *2Cor* 8,9), aquele que embora fosse de natureza divina se fez homem obediente até a morte (cf. *Fl* 2,6-8).

A COMUNHÃO PRESBITERAL

O presbítero, já foi salientado, é um “servo da comunhão eclesial”: é esta a sua tarefa, juntamente com o ministério da evangelização. Mas o presbítero também está comprometido com uma comunhão precisa e particular, a do presbitério todo presidido pelo bispo. Nunca se esqueça que na *católica* está presente o ministério apostólico, dom maravilhoso feito por Cristo à sua Igreja, ministério que não se esvazia com a morte dos apóstolos, já que eles transmitiram a sua função pastoral a outros crentes encarregados, como seus sucessores, de apascentar o rebanho de Deus que lhes foi confiado (cf. *At* 20,28; *1Pe* 5,2). Bispos e presbíteros são na *catholica*, hoje, os que desempenham este serviço apostólico, e em cada Igreja local vós presbíteros, embora destinados a diferentes ministérios, constituís com o vosso bispo um único presbitério. Por isso, cada Igreja local é também o lugar da *κοινωνία* presbiteral: comunhão dos presbíteros entre si, comunhão entre bispo e presbíteros.

Não se pode ser servos da comunhão na comunidade cristã sem se exercitar continuamente nesta arte de comunhão dentro do presbitério. Sobretudo hoje, uma vez adquirida a consciência da eclesiologia de comunhão, não se pode “viver a Igreja” sem intensificar, renovar continuamente, tornar transparente e visível a comunhão intrapresbiteral. E

isto deve ser manifestado não tanto e não apenas no nível de uma lógica de colegialidade, mas, sobretudo, através de uma lógica de *sinodalidade*, caminhar juntos (σύν-οδος) na história, na direção do Reino.

Mesmo entre bispo e presbíteros o que mais conta é a possibilidade de construir relações marcadas pelo amor: vós presbíteros deveis encontrar no bispo um irmão maior, um pai, um amigo leal, deveis sempre ter a possibilidade de ir até ele, de ser escutados por ele, de viver com ele a solicitude apostólica e as consolações do ministério. Somente assim podereis aceitar alegremente ser confirmados na fé e na vocação, de ser obedientes ao bispo e ao seu discernimento para a construção da Igreja, de encontrar junto a ele misericórdia. O bispo, por sua vez, não deveria esquecer que ele preside seguramente a igreja local, na sua composição de presbíteros e fiéis, mas que o seu primeiro cuidado deve ser dirigido aos presbíteros.

Inácio de Antioquia – um Padre da Igreja que deveria ser lido e relido com renovada atenção – várias vezes pediu comunhão, dentro de toda a Igreja, mas em particular dentro do presbitério, “harmoniosamente unido ao bispo como as cordas à cítara” (*Aos Efésios* 4,1). Se a tarefa do bispo é sobretudo a de “preocupar-se com a unidade, pois nada é mais bonito e melhor do que ela” (*A Policarpo* 1,2), os presbíteros, por sua vez, devem se submeter ao bispo (cf. *Aos Magnésios* 3,1) e “nunca fazer nada, no que diz respeito à Igreja, sem ele” (*Aos Esmirneus* 8,1). *Caminhar juntos*, viver a sinodalidade, este é o desafio ao qual é chamada a Igreja nas próximas décadas para viver autenticamente a comunhão: caminhar juntos como cristãos, caminhar juntos fiéis e presbíteros, presbíteros e bispo, bispos e bispo de Roma... Somente uma Igreja “sinodal” será uma autêntica comunhão, à imagem da comunhão divina triunitária, na qual a unidade e a diferença não são contraditórias, mas essenciais a uma comunhão plural!

Justamente em vista de uma espiritualidade da comunhão, João Paulo II, na *Novo millennio ineunte*, forneceu algumas indicações que podem, certamente, inspirar, também, a forma da comunhão presbiteral (cf. *NMI* 43-45). É necessário, antes de tudo, deixar que seja o mistério de Deus, comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, comunhão de vida e de amor, a inspirar e plasmar a comunhão eclesial em todas as suas realizações. Ou seja, trata-se de contemplar a comunhão triunitária, de invocá-la, de senti-la “canônica”, regra de todo o nosso agir, em vista de uma comunhão que não seja a medida de nossos desejos e projetos, mas que tente traduzir algo da comunhão divina. É a partir dessa comunhão descendente que devem ser hauridas todas as energias necessárias para viver a comunhão fraterna, a dos filhos de Deus. É necessário, portanto, acolher o irmão de fé na unidade profunda do corpo de Cristo: o irmão não está em relação comigo tendo como base uma relação psíquica,

sentimental, mas somente porque ele “que faz a vontade de Deus, é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (cf. *Mc* 3,35)⁷.

Em vista de uma autêntica espiritualidade de comunhão é necessário, além disso, chegar a enxergar o outro como “dom de Deus para mim”. Os outros não são o inferno, como gostava de dizer Jean-Paul Sartre, mas são para mim uma bênção, o dom precioso que me foi concedido para que eu viva em plenitude: a verdadeira dimensão do cristianismo é “nunca sem o outro”! O outro, por fim, é o irmão ao qual sou chamado a dar espaço, que devo conhecer para saber o que lhe causa sofrimento e o que o torna feliz, para carregar o seus pesos e partilhar os seus pensamentos, os seus desejos, para escutá-lo e consultá-lo tendo em vista o discernimento eclesial comum, de tal forma que a Igreja seja verdadeiramente um caminhar juntos em direção ao Reino. Sim, o outro é a possibilidade de encontrar, servir, amar o próprio Senhor no sacramento do irmão!

Por isso, vós presbíteros sois chamados a fugir, mais uma vez, de toda lógica individualista e de toda forma ostensiva de originalidade, a evitar o isolamento, e, sobretudo, a suficiência; dever-se-ia dizer dos presbíteros também aquilo que deveria ser dito de todos os cristãos: “Vê como se amam!” (Tertuliano, *Apologético*, 39,7)... O ministério presbiteral é caracterizado por uma forma comunitária radical, que o termo “colegialidade” evoca, sem poder descrever de forma completa: não vos esqueçais, por isso, da sinodalidade do presbitério, que, no seu interior e com toda a Igreja, é a via mestra para que a Igreja brilhe como “casa e escola de comunhão” (*NMI*, 43) para as novas gerações cristãs e para todos os homens.

MINISTÉRIO E VIDA HUMANA

Com freqüência, e isto é uma realidade recente, no âmbito dos que exercem funções ministeriais na Igreja, deve-se constatar uma falta de atenção às virtudes, não às teologais, mas às humanas. Tem-se, às vezes, a sensação de que o ministério vivido como função se torna um pretexto para evitar o confronto com valores que, na verdade, são determinantes na rede das relações interpessoais e sociais, essenciais para o desenvolvimento e o crescimento de uma personalidade humana inclinada a fazer da própria vida uma obra de arte. No fundo, é uma patologia docética, porque não põe em relevo a *importância encarnatória da vida cristã*, não reconhece a bondade da realidade criatural e a assunção por parte do Cristo da natureza humana e de tudo o que a ela pertence. Como se Cristo tivesse vivido neste mundo somente para viver o ministério público e a cruz, e não também para viver

⁷ Releia-se, a este respeito, as reflexões iluminadoras de D. Bonhoeffer em *La vita comune*, Queriniana, Brescia, 1986, 11.ed., pp.39-54.

como homem, mais ainda, como o verdadeiro Homem, o *Adam* querido por Deus na criação!

É verdade que nós temos um passado que não leu plenamente o significado da encarnação de Deus em Jesus de Nazaré. Um passado no qual está presente um gnosticismo que não apenas põe em conflito a vida humana e a vida cristã, mas até mesmo impede de perceber a humanidade, a existência humana ordinária e comum, como aquilo que deve ser assumido na vida cristã, e, como consequência, também na vida do presbítero. Com a preocupação excessiva de pôr em evidência a diferença entre ministros e fiéis e com o empenho de exhibir uma identidade própria se está, na verdade, encorajando a conservação de *identidades fracas, que tendem a se apoiar na função* para dar estabilidade aos próprios comportamentos e vencer as inseguranças. O ofício, neste caso, se torna um elemento atrás do qual a pessoa se esconde para ocultar as próprias fragilidades, o que confirma o esquecimento do humano, transformado em instrumento do mero exercício do ministério. Na verdade – e nisto permanecendo fiéis à grande tradição espiritual católica – é necessário reafirmar que não há uma clara separação e, muito menos, contraposição entre maturidade humana e maturidade cristã: estou convencido, cada vez mais, que a hodierna crise do presbítero deve ser justamente identificada nesta relação entre ministério e vida humana, e não no âmbito da teologia do ministério.

Deve ser dito com insistência: a humanidade de Jesus, como nos é proposta pelos evangelhos, não é nem aparente e nem sobreposta à sua missão: é uma *humanidade real*, uma existência cotidiana comum à carne e ao sangue. Este é o lugar no qual nos foi dada a imagem perfeita do Deus invisível (cf. *Col* 1,15), este é o lugar no qual o Filho ἐξηγήσατο, nos “narrou” Deus (*Jo* 1,18)! Permitted-me, então, renovar o convite de Paulo aos presbíteros de Éfeso: “Cuidai de vós mesmos” (*At* 20,28). Advertência análoga é dirigida a Timóteo: “Vigia sobre ti mesmo” (*1Tim* 4,16). Sim, vigiar sobre si mesmo é uma atividade que se impõe por si mesma, mas ela pode se tornar mais difícil para os que estão voltados para a vigilância dos outros pelo mandato que lhes foi conferido. Acontece que quem não vigia sobre si mesmo se torna espião e policial dos outros. Carlos Borromeu assim dizia se dirigindo aos presbíteros:

Exerces a cura d’almas? Não te esqueças de cuidar de ti mesmo, e não te entregues aos outros a tal ponto que não sobre nada de ti para ti mesmo. É claro que deve estar presente a lembrança das almas que te foram entregues, mas não te esqueças de ti mesmo⁸.

Não, ninguém pode se justificar dizendo: “Estou ocupado demais com os outros para poder pensar em mim mesmo!”, porque quem diz isto, mais cedo ou mais tarde descuidará do seu ministério não conseguindo

⁸ Citado em *PDV*, 72.

mais estar à altura da situação. Vigiar sobre si mesmos, *cuidar de si mesmos*, é uma condição necessária para a qualidade do ministério e a fidelidade a ele.

Seja-me permitido dizer o que muitos presbíteros me confessam com freqüência: muitas vezes a vida presbiteral – por causa do acúmulo de compromissos, por causa de certa desordem no dar a justa prioridade e no dominar o tempo do dia, por certa preguiça ou incapacidade de por limites que também significam dizer um “não” aos pedidos das pessoas – não deixa espaço para o cuidado de si mesmo, de tal forma que não acontece o que São Paulo deseja a Timóteo: “Dedica-te à leitura [...] não te descuides do carisma que está em ti [...] ocupa-te destas coisas, dedica-te inteiramente a elas para que *teu progresso seja manifesto a todos*” (cf. *1Tim 4,13-15*)⁹. É necessário deixar claro que um presbítero privado de uma vida intelectual, ou seja, em primeiro lugar incapaz de assiduidade na leitura, avança a passos largos em direção da decadência espiritual; as conseqüências serão sentidas sobretudo pela sua adoração e pela sua contemplação, progressivamente mais áridas e mais pobres, mas depois também pela sua pregação e, enfim, pela sua autoridade dentro da comunidade cristã. Bem sabemos que o resultado de uma escassa vida intelectual, da falta do exercício de pensar, não consiste apenas numa estreiteza de horizontes, mas amiúde também se traduz em uma condição de miséria espiritual na qual se está exposto a correntezas opostas e antagônicas: por um lado a influência do relativismo que dissolve a fé, do outro lado a do fundamentalismo que, debaixo da máscara de uma identidade forte e que dá segurança, impede toda pesquisa e é intolerante para com os caminhos diferentes do próprio.

Gregório Magno, lamentando-se dos presbíteros de seu tempo e sendo-lhes solidário, acusava também a si mesmo dizendo:

Nós nos afogamos de negócios terrenos! Sim, uma coisa é o que assumimos com o ofício presbiteral, outra coisa é o que mostramos com os fatos! Nós abandonamos o serviço da Palavra e somos chamados de bispos-presbíteros, mas isto talvez sirva mais para a nossa condenação, já que possuímos o título, mas não a qualidade¹⁰.

Mas hoje, em minha opinião, não há apenas o problema do ministério sobrecarregado de compromissos e incumbências que pesa sobre a vida do presbítero: é também e sobretudo uma questão de *má qualidade de vida humana*. Pensem-se simplesmente os relacionamentos e necessidades primárias que um homem vive: a casa, a comida, a roupa. A *casa* do presbítero muitas vezes não é acolhedora, é um espaço ao qual não se vai de boa vontade, que não “canta a vida”. É assim que, não se sentindo em sua própria casa, muitos presbíteros encontram substituições,

⁹ Verdadeiramente extraordinária, neste sentido, é a carta dos bispos franceses de 16 de janeiro de 2002, intitulada *Reencontrar o tempo de ler* (cf. *Il Regno documenti* 5 [2002], pp. 187-189).

¹⁰ GREGÓRIO MAGNO, *Homilias sobre os Evangelhos* 17,14.

freqüentando assiduamente famílias e grupos. Além disso, o *alimento* é tomado em que contexto? Se o comer não é apenas sustento, mas ocasião de cultura, hoje o presbítero pode se dizer sempre capaz de vivê-lo com uma lógica cristã que é antes de tudo eucarística? E o que dizer da *roupa*? Nos primeiros séculos cristãos não havia nenhum hábito distintivo do clero: este se impôs apenas no século XVII com a batina compreendida como sinal de consagração a Deus. Mas a veste é a primeira linguagem com a qual uma pessoa comunica aquilo que é. Por isso Jerônimo sugeria aos presbíteros que fugissem da elegância e da sofisticação, mas também da cafonice e da negligência. Saibamos ou não, estes três âmbitos refletem quem é o presbítero e, ao mesmo tempo o influenciam: a partir destes três se revelam a sua liberdade e a sua maturidade.

Sim, hoje, costuma-se não confiar mais na função, mas na pessoa, e a autoridade do presbítero, que se torna ainda mais necessária, está ligada à sua estatura humana e espiritual. Diante de Deus e dos homens nada pode substituir uma vida pessoal autêntica! Mais do que nunca, é necessário que o presbítero cultive interesses pessoais – intelectuais, literários, artísticos, musicais, de acordo com os dons recebidos – porque a vida cristã é φιλοκαλία, busca e contemplação da beleza: para manter-se vivo, vivaz, interessado na vida, para renovar as próprias convicções ao longo dos anos, para combater a doença do cinismo e da resignação é necessário ler, ir ao encontro das fontes cristãs e culturais, também é necessário saber repousar e recrear com inteligência.

A condição atual do presbítero está marcada pela dispersão, pela exposição sem proteção, mas, sem uma vontade de levar uma vida boa e bela, no sentido pleno do termo, a pessoa se expõe apenas à dispersão. Sobretudo, para que haja uma boa qualidade de vida é importante o exercício (ascese) das relações, já que a qualidade de vida está ligada e unida diretamente à qualidade das relações: entre pároco e vigário, entre presbítero e bispo, entre presbíteros e leigos e, além disso, com as infinitas e diversas situações pessoais e existenciais com as quais o presbítero se confronta. Vigiar sobre si mesmo significa vigiar sobre as relações, sobre o comportamento, sobre o ministério... Mais do que nunca, hoje é necessária uma *ascese da comunicação*. Deve-se acrescentar ao risco da dispersão o do stress e do cansaço, da depressão e da desmotivação. Se uma pessoa fizer coincidir personalidade, realização pessoal e trabalho pastoral, atividades do ministério, então os fracassos pastorais se tornam fracasso da pessoa *tout court*. É necessária também, uma compreensão evangélica da “eficácia” da Palavra, que é sempre da ordem da eficácia da “cruz”.

CONCLUSÃO

Caríssimos, um documento sobre o serviço sacerdotal exarado em 1992 pelos bispos alemães¹¹ fala de “neurose pastoral” e deseja que os presbíteros assumam uma “espiritualidade do dizer não” para poder dizer um sim maior e mais importante. Sabe-se que o concílio de Trento soube modelar uma identidade presbiteral, que, evidentemente, precisa sempre ser corrigida e completada, e que significou para a Igreja uma verdadeira reforma. Talvez o Vaticano II não tenha tido a mesma força e a mesma criatividade sobre o presbiterato, mas de fato, está sendo modelado um novo tipo de presbítero e de bispo que certamente é mais inspirado pelo Novo Testamento do que pelas preocupações eclesiais. O caminho é ainda longo e difícil, mas compete a alguns de vós a responsabilidade, *vivendo (ou não vivendo) o evangelho*, de dar à Igreja um *servo do Senhor*, um *servo da comunidade*, e ao mundo uma *testemunha fiel evangelho de Jesus Cristo*.

Sede, pois, “ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus”, como vos chama Paulo (*1Cor 4,1*) e assim sereis homens a serviço da santidade da Igreja e homens de santidade. “Aquilo que fora administrais, hauris na fonte do amor, e aprendei amando o que anunciais ensinando”, escreve Gregório Magno¹². Eu e a minha comunidade oramos e continuaremos a orar por isto e vós perdoai-me a possível insipiência.

BIBLIOGRAFIA PARA IR ALÉM...

- COLETTI, D. *Vivere da prete: la forma cristiana della vita sacerdotale*, Piemme, Casale Monferrato 1995.
- COZZENS, D. *Face mutante do sacerdócio*, Loyola, São Paulo 2001.
- EPISCOPADO ALEMÃO, “Il servizio sacerdotale”, em *Il Regno documenti 5* (1993), pp. 164-175.
- RATZINGER, J. “Natura del sacerdozio”, in *La Chiesa, Una comunità sempre in cammino*, Paoline, Cinisello Balsamo 1991, pp. 75-93.
- SESBOUÉ, B., *Não tenham medo! Os ministérios na Igreja de hoje*, São Paulo, Paulus, 1998.
- TETTAMANZI, D. *La vita spirituale del prete*, Piemme, Casale Monferrato 2002.

¹¹ Cf. *Il Regno documenti 5* (1993), pp.164-175.

¹² GREGÓRIO MAGNO, *Homilias sobre Ezequiel* I,5,16.